

INFORME ECONÔMICO

■ ANTONIO XIMENES (Interino)

Fiesp dá trinta dias para o câmbio

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Horácio Lafer Piva, disse que o país não aguenta 30 dias se o câmbio não encontrar o seu ponto de equilíbrio. "Não dá para ficar meses com essa incerteza no câmbio. O Brasil vive uma crise de credibilidade internacional e as autoridades precisam agir, porque nós não temos tempo para erros e exaltações", disparou o dirigente.

As declarações do homem-forte da indústria foram seguidas de uma nota oficial, em que ele alerta a sua categoria sobre o perigo de uma "onda irrefletida de ações de indexação e dolarização de preços de produtos e insumos". Ao seu lado, o porta voz da Presidência da República, Sérgio Amaral, surpreendeu ao dizer: "Nós não tivemos uma política ativa de atrair investimentos e, agora, no segundo governo, vamos intensificá-la."

Num lance de aproximação com a toda-poderosa Fiesp, Sérgio Amaral disse que o governo está disposto a traçar uma política conjunta com os empresários para encontrar alternativas à crise que assola o país. "Existe uma disposição de se trabalhar junto para que se estabeleça um programa de parceria integrado."

Para quem tem boa memória, trata-se de um diálogo no mínimo curioso este que foi travado ontem entre o diplomata e o empresário em São Paulo. O empresariado brasileiro em geral sabe que os responsáveis por cerca de 50% do PIB – os industriais paulistas –, capitaneados por Piva, tiveram um papel preponderante no movimento que provocou a queda do ex-presidente do Banco Central Gustavo Franco, fato que desencadeou a brutal desvalorização do real.

Discreto mas decidido, Sérgio Amaral mostrou que é um porta-voz eclético. Além de representar o presidente Fernando Henrique Cardoso, o embaixador disse para o líder do QG da indústria paulista que também estava na Fiesp em nome do ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Celso Lafer. Mas tanta diplomacia recebeu como resposta – por escrito – um recado duro de Piva: "São várias as batalhas que nos aguardam nos próximos dias. A primeira delas, mais direta, será evitar que o próprio governo contamine de novo a economia com o vírus da indexação, reajustando os preços dos combustíveis, energia, tributos e tarifas públicas." Como se percebe, uma linguagem que está mais para general em campo de batalha do que para missão do Itamarati.